



Prefácio

Uma pedra fundamental

É raro que se diga com todas as letras isto: a aura mística dos livros, esse nobre objeto, é feita de muito trabalho, exercido por diversos atores, que mobilizam inúmeras técnicas, submetidas a diferentes normas, por sua vez assentadas nas mais variadas crenças, as quais, bem sabemos, costumam dar numa só – livros importam, são necessários, imprescindíveis. Desde a invenção do deus portátil, cuja onipresença está garantida pela palavra evocável aonde quer que se vá, um livro é um eco do Livro, suprema criação de que emanam vibrações vivificantes também de outros textos, certamente de quem os lê. Essa longa tradição, já fartamente historiografada, está considerada aqui, mas é de outra coisa que se trata: José Muniz está interessado mesmo é no trabalho dos diversos atores que mobilizam inúmeras técnicas, submetidas a diferentes normas, assentadas nas mais variadas crenças...

Essa é a trilha que segue e, nela, envereda por meandros ainda pouco explorados. Enfrenta, assim, em sua trajetória transdisciplinar, o mundo da produção dos livros, do qual se costuma falar anedoticamente, episodicamente, lateralmente, ou simplesmente não se fala. Aqui ele está posto no centro, é o miolinho do pensamento. E, olhado por esta lupa, vemos o que lhe dá coesão: um conjunto de atividades nem sempre tão conjuntas assim, às vezes imprevisíveis, frequentemente não computadas nos produtos que vão a público.

José Muniz não fala exatamente desses produtos, ele os pressupõe para falar dos processos. Eis sua contribuição em grandes linhas: mostrar o que há dentro, o que move a palavra a ser publicada, o que pulsa nessa palavra e que pode fazer pulsar tudo a sua volta. Mais especificamente, mostra que esse interior é tecido por uma função orquestradora, digamos concertadora: a do editor. Não é raro que se pense o editor como quem conecta autor e leitor ou leitor e obra. Diagramas circulam por aí procurando dar conta dessas relações. E não dão. Não, se consideramos o editor como esse elemento do jogo que pode estar no princípio de tudo e encomendar, com projeto próprio, um texto a um autor; ou debruçar-se sobre um texto submetido, transformando-o profundamente; ou fomentar sua dispersão pelo mundo, desenvolvendo logística e formando público conforme padrões que ele próprio define ou a que procura atender. É um elemento do jogo que arbitra e concede, que cria e executa, que filtra e viabiliza, que seleciona e avalia... De fato, é o próprio motor do jogo, para espanto dos que veem o autor como a fonte de tudo. O editor, nas suas variadas escalas de trabalho, opera os milagres que fazem dos originais um objeto editorial no mundo. Não é que ele seja todo-poderoso, mas uma espécie de entidade

afiançadora, que até as autopublicações emulam, ao projetarem um outro de si, quando, então, ganham ares de obra.

De fato, o editor não garante nada necessariamente, mas encarna garantias, vetoriza apostas e promessas, avoluma o rumor em torno do que era só um texto. Claro que está sempre operando conforme as injunções que o fazem ser o que é, que o fazem poder o que pode e cumprir o que deve.

“Nem origem nem destino”, dirá José Muniz, o editor aparece aqui como o próprio caminho, insinuando-se no caminhar de todos os que, mais ou menos juntos, estão mais ou menos cientes dos ofícios que exercem, das materialidades editáveis que manipulam, dos objetos finalmente consumíveis a que dão vida.

Com essa perspectiva, este título é o terceiro da coleção “Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual” do selo Artigo A. Tem, por isso, a função de conformar o tripé sobre o qual tudo o mais virá; assenta o terceiro ponto que poder dar equilíbrio ao projeto de construção de uma bibliografia especializada mas acessível, sistematizadora mas perturbante, que se pretende uma pedra lançada no lago, a fazer reverberar na superfície uma série de ondas abarcantes, a fazer ressoar, na profundidade que percorre, objetos adormecidos, revolvendo a areia onde se deposita.

Os cinco capítulos aqui reunidos têm origem – essa mítica invenção – em artigos dispersos por periódicos digitais que chegaram a outros públicos, de diferentes áreas, em outros momentos, sem compor esta unidade. Não são, portanto, os mesmos textos, como nunca são os textos retomados editorialmente, formalizados numa nova encarnação. Neste volume eles têm outra vida. E não será ocioso sublinhar que o editor fez questão de inscrever materialmente essa condição: não se trata apenas de uma coleção de textos sobre edição, mas de uma experimentação editorial do editar, os projetos gráficos muito dizem a esse respeito.

Alguém poderia pensar, então, que se trata de um livro que, nesta coleção, neste selo, sob a batuta deste editor, pretende desvelar a noiva, desnudar o rei. Não é isso. Ao contrário, os textos de José Muniz – os textos propriamente, e não apenas “as ideias” – não querem desmistificar nada, mas lembrar que há corporificação dessa mística, e que, como sói acontecer com os corpos, há perfumes e outros odores, há uma consistência que lhes é própria e que se movimenta assim ou assado, cozido ou ensopado. Com isso, José Muniz não está interessado, como diz, em “desvendar a máquina do mundo dos livros”, mas em “renunciar a uma verdade última sobre eles”. Assim seja!

Luciana Salazar Salgado
abril de 2018